



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cembo, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Tatoba-Lisboa* • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

OS MILITANTES DE AMANHÃ

As Juventudes Sindicalistas
realizam o seu primeiro CongressoForam ontem iniciados os tra-
balhos, que prosseguem hoje

A mocidade sindicalista pretendeu realizar há meses, conforme *A Batalha* informou oportunamente, o primeiro Congresso das suas Juventudes, que a despeito do continuado perseguição que os governos contra elas tem exercido, estão disseminadas através de todo o país, mantendo as mais estreitas relações com a União das Juventudes Sindicalistas, a qual, por sua vez, está relacionada com os agrupamentos congêneres do estrangeiro.

Proibida essa magna reunião, não desistiram todavia os seus promotores de levá-la a efeito, e como continuassem sob a ameaça de a não poder realizar publicamente, estavam fazendo clandestinamente neste momento, bem seguros de que não seriam estorvados de discutir os seus trabalhos, que previamente foram publicados no *Despertar*, órgão da U. J. P., tendo também *A Batalha* dado um extracto desses trabalhos, todos eles muito interessantes.

A sessão inaugural

Ontem, pelas 11 e meia horas, na cidade de X, iniciaram-se os trabalhos do I Congresso da Mocidade Sindicalista. Apesar desta magna reunião ter sido impedida de realizar-se há meses, na cidade de Setúbal, como primeiramente se havia combinado, ao proceder-se à chamada notou-se a presença de representantes dos Núcleos das Juventudes Sindicalistas do Olhão, Vendas Novas, Barreiro, Construção Civil de Lisboa, Coimbra e Peles de Lisboa, Central do Porto, Setúbal, Almada, Beato e Olivais, Beja, Vila Nova de Gaia, Silves, Indústria do Vestuário, Artes Gráficas, Construção Civil do Porto, Indústria Metalúrgica de Lisboa, 1.º Bairro de Lisboa, Mobiliário e Central de Lisboa. A Confederação Geral do Trabalho fez-se representar por um delegado.

Após a chamada, o presidente declarou iniciado o Congresso. Diz ser o sínodo de grande comitamento que faz uso da palavra, devido à importância que, quanto a ele, orador, o Congresso tem. O grande valor dessa reunião está não só nos trabalhos que vão discutir-se, mas também no facto de ser realizada secretamente. E' o Congresso um fatto único na história das Juventudes Sindicalistas portuguesas. Para ele contribuiu a energia das Juventudes, que tem sabido manter-se sempre nos seus princípios revolucionários. Nem a guerra, que corrompeu alguns velhos militantes, nem discussões extemporâneas e estériles, conseguiram afastá-las desses princípios.

Neste momento, que, em seu parecer, é mais de ação do que de discussão, devem todos os esforços convergir no sentido de arrancar a proposta e o poder político à burguesia. Depois disso, que se discutam planos.

As Juventudes, devido à ação revolucionária que tem exercido, tem vivido quasi secretamente. Após o Congresso, é necessário reclamar do governo a ampla liberdade de reunião, entendendo que essa reclamação deve ser coadjuvada pela C. G. T.

A situação financeira das juventudes é grave, porque elas pouco auxílio tem recebido. O operariado, a organização, tem obrigação de olhar a sério as Juventudes, porque estas são uma força revolucionária importante. A organização, descarando esse auxílio, pratica um crime.

Os delegados devem ir para os seus núcleos com redobrada vontade de trabalhar.

Terminando, aconselha aos delegados moderação e serenidade nas discussões. Saúdam os núcleos representados e os jovens sindicalistas presos, dão inicio aos trabalhos concedendo a palavra ao delegado da Confederação Geral do Trabalho.

Palavras do representante da C. G. T. — As Juventudes correspondem a uma necessidade

Principia o delegado da C. G. T. por dirigir as suas saudações aos congresistas e aos núcleos que representam.

A vontade de estudar — continua o orador — o sentimento de liberdade levam os jovens a agrupar-se nestes núcleos. Preparam-se assim as verdadeiras consciências libertárias. São esses núcleos uma base segura sobre a qual assentará a força formidável que libertará os trabalhadores.

Não há homens completos sem que sejam primeiramente livres. As juventudes preparam, como podem, esses homens. Sempre foi partidário das juventudes, porque está convencido que as juventudes sairão os militantes operários mais valiosos.

Aconselha depois os jovens a que se não deixem arrastar pelo prestígio de um homem. Que desenvolvam a sua mentalidade e não se sujeitem à tutela seja de quem for. E' dos que mais defendem o critério de que a organização operária deve auxiliar os jovens. Laborou a organização, durante muito tempo, num efeito não auxiliando os jovens, porque elas se manifestavam violentamente. Desculpa essa violência, considerando-a inerente à juventude. As juventudes correspondem a uma necessidade, e a C. G. T., embora contando poucas probabilidades financeiras, tem de auxiliá-las. A C. G. T. luta agora com a mesma falta de dinheiro com que luta a organização juvenil. No entanto, prestar-lhe há o auxílio que puder.

Na ordem dos trabalhos figuram apenas teses de caráter moral e de organização

Fim do discurso do delegado da C. G. T., que foi ouvido com manifesto

Há 9 anos

Uma data operária

Faz hoje nove anos que as instituições republicanas cometem uma das maiores violências que os governos desse país tem levado a efeito contra a organização operária: o assalto à Casa Sindical da Rua do Século, mandado realizar pelos homens que nessa data definham o poder e à frente dos quais se encontrava sr. Augusto de Vasconcelos, conhecido como óptimo médico parteiro e como péssimo diplomata e estadista.

Estava então o operariado de Lisboa em greve de solidariedade para com os trabalhadores rurais de Évora, que num movimento de reclamações que haviam efectuado tinham sido alvo de cruéis violências por parte da força armada. E quando algumas centenas de trabalhadores de Lisboa aguardavam

agradado, passou-se à leitura do relatório da comissão executiva. Em seguida foram nomeadas várias comissões: uma revisora de mandatos, que imediatamente deu comigo aos seus trabalhos; outra para apreciar várias teses e ainda outra para examinar o relatório da comissão executiva.

A ordem dos trabalhos foi fixada da seguinte forma: 1.º dia — 1.ª sessão, tese de educação e de propaganda; 2.ª sessão, tese de defesa moral do aprendizado; 3.ª sessão, tese sobre abstinença de álcool e tabaco e princípios naturalistas; 3.º dia — 1.ª sessão, primeira parte da tese de organização; 2.ª sessão, definição de Princípios Ideológicos; 2.ª sessão, tese sobre abstinença de álcool e tabaco e princípios naturalistas; 3.º dia — 1.ª sessão, primeira parte da tese de organização; 2.ª sessão, segunda parte da tese de organização, nomeação do Comitê federal e fixação do local onde se realizará o seu Congresso.

Nomeou-se depois a mesa para a primeira sessão do Congresso, que ficou constituída pelos delegados do Núcleo Central do Porto; Central de Lisboa e Núcleo de Silves, respectivamente, presidente, 1.º e 2.º secretários.

A comissão revisora de mandatos leu, a seguir, o seu parecer, que foi aprovado e às 13 e meia horas encerrou-se a sessão inaugural.

1.ª sessão — E' discutida uma interessante tese de educação e propaganda

Pelas 15 horas, o delegado do Porto abre a primeira sessão, fazendo votos para que esta decorra com a serenidade da anterior. Em nome dos jovens do Porto, agradece a honra com que os distinguiram, indicando-o para presidir.

A comissão revisora do relatório da comissão executiva leu o seu parecer, o qual, depois dum delegado notar um lapso, foi aprovado pelo congresso.

E' lida a tese de educação e propaganda, que, entre vários pontos importantes, apresenta à discussão os seguintes pontos:

Parte primária: Impõe-se a criação de aulas de primeiras letras para os analfabetos.

Estas aulas funcionariam em cursos nocturnos e o ensino seria ministrado indistintamente a crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, sócios e não sócios, sob uma pequena retribuição para auxílio do custeio respectivo.

O método de ensino seria o indicado por uma comissão habilitada e sob os princípios racionais.

Generalizar-se-á o programa e método escolar, publicando-os no nosso órgão na imprensa.

Terminando, aconselha aos delegados moderação e serenidade nas discussões. Saúdam os núcleos representados e os jovens sindicalistas presos, dão inicio aos trabalhos concedendo a palavra ao delegado da Confederação Geral do Trabalho.

Palavras do representante da C. G. T. — As Juventudes correspondem a uma necessidade

Principia o delegado da C. G. T. por dirigir as suas saudações aos congresistas e aos núcleos que representam.

A vontade de estudar — continua o orador — o sentimento de liberdade levam os jovens a agrupar-se nestes núcleos. Preparam-se assim as verdadeiras consciências libertárias. São esses núcleos uma base segura sobre a qual assentará a força formidável que libertará os trabalhadores.

Não há homens completos sem que sejam primeiramente livres. As juventudes preparam, como podem, esses homens. Sempre foi partidário das juventudes, porque está convencido que as juventudes sairão os militantes operários mais valiosos.

Aconselha depois os jovens a que se não deixem arrastar pelo prestígio de um homem. Que desenvolvam a sua mentalidade e não se sujeitem à tutela seja de quem for. E' dos que mais defendem o critério de que a organização operária deve auxiliar os jovens. Laborou a organização, durante muito tempo, num efeito não auxiliando os jovens, porque elas se manifestavam violentamente. Desculpa essa violência, considerando-a inerente à juventude. As juventudes correspondem a uma necessidade, e a C. G. T., embora contando poucas probabilidades financeiras, tem de auxiliá-las. A C. G. T. luta agora com a mesma falta de dinheiro com que luta a organização juvenil. No entanto, prestar-lhe há o auxílio que puder.

Na ordem dos trabalhos figuram apenas teses de caráter moral e de organização

Fim do discurso do delegado da C. G. T., que foi ouvido com manifesto

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A ARTE E OS ARTISTAS

O carácter social

do Teatro de Ibsen

III

Em algumas peças do moderno teatro aparece uma personagem — *le soi-disant raisonnable* — que atravessa todos os actos muitas vezes sem estar integrada neles, entrando na ação como Pilatos no credo, e que a propósito de alguma lance teatral larga a sua sentença, aquilo que sobre o caso pensa o autor da fáçanha. Esta maneira ingénua de pretender despertar a sensibilidade ou o raciocínio do público com os comentários da tal personagem é a mais completa negação do dramaturgo, embora consagrados homens de teatro tenham caído neste erro, porque o ensinamento que se pretende arrancar deve sair da condução e do desenlace do conflito dramatizado.

A um espectador que esteja a ver claramente não é preciso que as personagens lhe digam a cor que lhe fere a retina. Portanto, entendo que é desrespeitoso à figura falar para a plateia, desviá-la da ação da peça para que o público entenda nas suas palavras. Tentar fazer o contrário disto é destruir o espectador tóda a ilusão do teatro, querer dizer, da reprodução da vida.

A esta conclusão levou-me a obra dramática de Ibsen. Ele não precisa de nos dizer o que pretende; nós compreendemos-lo bem seguindo com atenção a elaboração dos seus dramas. Neles não ha *raisonneurs* a comentar as diversas peripécias da ação. Ele apresenta-nos friamente os conflitos, as suas personagens discutem-nos, e nós tiramos desse debate a luz que ilumina a nossa razão. Porque temos um cérebro, ele quer que o ponhamos em movimento.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Ibsen é a personificação do indivíduo que pretende libertar-se dos tântculos sociais que o envolvem, que o subjugam, que o manietam, fazendo-o subcumbir na luta encetada antes de realizar o seu desejo. As ânsias desse espírito lucidíssimo são comuns a tóda a humanidade sequiosa de justiça e de renovação. Na composição desta figura Ibsen empregou melhor do seu gênero e da sua alma criadora. Sendo feita a sua fortuna pessoal, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Assim como Shakespeare dramatizou as grandes paixões humanas fazendo os personagens simbólicos dessas paixões, Ibsen fez das suas figuras sintéticas das aspirações e das angústias que preocupam o espírito moderno. E' a sua fortuna pessíssima, não quizer empistar ao seu jornal o dinheiro de que éste carecia para se reorganizar, visto que, em dado momento, foi encontrado o seu armazém completamente vazio, e seu jornal, que viesse de onde viesse, era o seu maior tesouro.

Propaganda sindicalista
EM GUIMARÃES

Importantes comícios em Pevide e Campelos, onde se protesta contra as perseguições ao operariado espanhol

GUIMARÃES, 28.-C.-Como dissemos, realizaram-se no domingo os dois comícios públicos, promovidos pela U. S. O.

O primeiro foi no lugar do Pevide, um dos principais centros deste concelho, especialmente da indústria têxtil.

Estava o comício marcado para as 11 horas, e já antes tinha ido para ali uma força de cavalaria da guarda republicana.

Também no local se encontrava outra força de infantaria da mesma guarda, que pertencia ao posto daquela localidade.

Os industriais dali esfregavam as mãos de contentes, e ameaçavam os operários, dizendo que no fim do comício havia "peixe espada", para assim o povo se retirar e não assistir. De fato valeram as suas ameaças.

A's 12 horas foi aberto o comício, fazendo uso da palavra o secretário geral da U. S. O., expondo os fins para que foi convocado, e, a meio do seu discurso, chegou um automóvel com o administrador do concelho. Este, logo que chegou, mandou retirar a cavalaria da guarda, ficando só os de infantaria, mandando os primeiros para o local onde tinha de se efectuar o segundo comício, talvez com o fim de atemorizar o povo, para se não reunir.

Continuou o secretário geral da U. S. O. com o seu discurso, e, como o administrador se colocasse a seu lado, logo que terminou, convidou-o a fazer uso da palavra sobre a questão das subsistências ao que ele se não negou.

Em seguida falou António de Almeida, tratando desenvolvidamente da organização, voltando a falar o secretário que encerrou o comício.

Seguimos depois para Campelos, para o segundo comício, que estava marcado para as 14 horas. Quando ali chegámos, lá estava a força de cavalaria da guarda.

Estando presentes talvez mais de 2000 pessoas de todas as indústrias, foi aberta a importante reunião às 15 horas. Também compareceu o administrador do concelho. Falou o secretário geral da U. S. O., António de Almeida e Oliveira Santos.

Tudo correu na melhor ordem, sendo um belo dia de propaganda.

Nestes comícios foi levantado um caloroso protesto contra as perseguições feitas pelo governo espanhol aos nossos camaradas daquele país.

Os deportados em Cabo Verde

É sabido que o governo brasileiro, como todos os governos que na ânsia de perpetuarem o regime burguês cometem toda a casta de infâmias, perseguindo trabalhadores honestos cujo único crime é o desejo de uma vida melhor, o governo brasileiro, como fomos dizendo, há tempos a esta parte que vem expulsando do território da república carioca bastantes operários, na sua maioria portugueses, acusados de propagandistas do bolchevismo, rotulando-os de "indesejáveis", vobabilmente adoptado por aqueles que tem sido a causa do mal estar de todos os que trabalham.

Entre esses "indesejáveis" vieram alguns que o governo português, então na presidência do inesquecível Sá Carvalho, deportou para Cabo Verde, sem que houvesse motivo que justificasse tam arbitrária determinação.

Depois de cometida a arbitrariedade, verificou-se que, afinal, não se tratava de perigosos bolchevistas, mas apenas de trabalhadores conscientes que naquela possessão portuguesa temido uma conduta que só revela dignidade e amor ao trabalho.

Enviram os deportados de Cabo Verde de reclamações e requerimentos ao ministro das colônias, que por sua vez os endossou ao ministro do interior. Esta entidade fez passar esses documentos à mão do diretor da polícia de segurança do estado, que organizou os respectivos processos, apurando-se sobre os deportados o que acima dizemos.

Os processos deviam transitari para o ministro das colônias, parecendo que, o ministro respectivo, no dia de hoje fará o seu despacho de forma que aqueles trabalhadores sejam amnistados do crime que não cometem e possam regressar ao país.

Os deportados em Cabo Verde, que são Manuel Gama, Alexandre Azevedo, António da Silva, Manuel Fernandes Gomes de Amorim, Manuel Gonçalves, António Monteiro, João Carlos, Manuel Ferreira, António da Costa, António Rodrigues da Silva e Abílio Cabral, é natural que tenham agora a satisfação de se ver em liberdade, que lhes foi concedida por um governo estrangeiro, mas que o seu país também colaborou, não se sabe porquê, liberdade essa que sempre deviam tergiversado, porque crime algum cometem.

Veremos, pois, se desta vez, embora tardivamente, se faz justiça restituindo à suas famílias e ao seu labor criatura que só o trabalho vive.

Associação Bati-Almada Operária

Perdeu de duas centenas de sócios se inscreveram nas duas últimas semanas e todos os se descreveram novos membros desejosos de contribuir para a extinção do alcoolismo entre os trabalhadores.

A comissão organizadora reuniu ámãnhã novamente para tratar de vários assuntos urgentes e espera que as várias organizações operárias ofereçam voluntariamente as suas sedes para a realização de conferências de propaganda anti-alcoólica.

Em breve realizar-se-há uma reunião magna de todos os interessados no desenvolvimento da organização anti-alcoólica operária, em que serão eleitos os elementos activos que hão de dirigir esta associação durante o ano corrente.

UNIVERSIDADES, ACADEMIAS E ESCOLAS

Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Gesta. - Convocam-se todos os sócios a reunir em assembleia geral, amanhã, pelas 10 horas precisas, para assuntos importantes.

Vida cara e difícil

operariado de Alhandra manifesta-se

ALHANDRA, 24.-C.-No pretérito sábado todas as fábricas desta vila cessaram a sua laboração, tendo o pessoal que nelas trabalhava, cerca de 3.000 indivíduos, aparecido na administração de Vila Franca de Xira, protestando contra o aumento escandaloso de todos os gêneros essenciais à vida.

Apesar da agitação que lava entre o operariado dessa localidade, a manifestação decorreu absolutamente ordenada, sendo, porém, voz corrente que outras demonstrações populares se realizam brevemente.

O administrador do concelho fez muitas promessas, mas em presença da efervescência que reina entre as populações e a bem da "ordem" pública ameaçada, requisiou ao governador civil de Lisboa reforços que aumentem o efectivo da "briosa", para assim o povo se retirar e não assistir. De fato valeram as suas ameaças.

A's 12 horas foi aberto o comício, fazendo uso da palavra o secretário geral da U. S. O., expondo os fins para que foi convocado, e, a meio do seu discurso, chegou um automóvel com o administrador do concelho. Este, logo que chegou, mandou retirar a cavalaria da guarda, ficando só os de infantaria, mandando os primeiros para o local onde tinha de se efectuar o segundo comício, talvez com o fim de atemorizar o povo, para se não reunir.

Continuou o secretário geral da U. S. O. com o seu discurso, e, como o administrador se colocasse a seu lado, logo que terminou, convidou-o a fazer uso da palavra sobre a questão das subsistências ao que ele se não negou.

Em seguida falou António de Almeida, tratando desenvolvidamente da organização, voltando a falar o secretário que encerrou o comício.

Seguimos depois para Campelos, para o segundo comício, que estava marcado para as 14 horas. Quando ali chegámos, lá estava a força de cavalaria da guarda.

Estando presentes talvez mais de 2000 pessoas de todas as indústrias, foi aberta a importante reunião às 15 horas. Também compareceu o administrador do concelho. Falou o secretário geral da U. S. O., António de Almeida e Oliveira Santos.

Tudo correu na melhor ordem, sendo um belo dia de propaganda.

Nestes comícios foi levantado um caloroso protesto contra as perseguições feitas pelo governo espanhol aos nossos camaradas daquele país.

Os deportados em Cabo Verde

É sabido que o governo brasileiro, como todos os governos que na ânsia de perpetuarem o regime burguês cometem toda a casta de infâmias, perseguindo trabalhadores honestos cujo único crime é o desejo de uma vida melhor, o governo brasileiro, como fomos dizendo, há tempos a esta parte que vem expulsando do território da república carioca bastantes operários, na sua maioria portugueses, acusados de propagandistas do bolchevismo, rotulando-os de "indesejáveis", vobabilmente adoptado por aqueles que tem sido a causa do mal estar de todos os que trabalham.

Entre esses "indesejáveis" vieram alguns que o governo português, então na presidência do inesquecível Sá Carvalho, deportou para Cabo Verde, sem que houvesse motivo que justificasse tam arbitrária determinação.

Depois de cometida a arbitrariedade, verificou-se que, afinal, não se tratava de perigosos bolchevistas, mas apenas de trabalhadores conscientes que naquela possessão portuguesa temido uma conduta que só revela dignidade e amor ao trabalho.

Enviram os deportados de Cabo Verde de reclamações e requerimentos ao ministro das colônias, que por sua vez os endossou ao ministro do interior. Esta entidade fez passar esses documentos à mão do diretor da polícia de segurança do estado, que organizou os respectivos processos, apurando-se sobre os deportados o que acima dizemos.

Os processos deviam transitari para o ministro das colônias, parecendo que, o ministro respectivo, no dia de hoje fará o seu despacho de forma que aqueles trabalhadores sejam amnistados do crime que não cometem e possam regressar ao país.

Os deportados em Cabo Verde, que são Manuel Gama, Alexandre Azevedo, António da Silva, Manuel Fernandes Gomes de Amorim e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 13 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 16 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 19 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 21 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 23 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 25 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 27 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 29 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 31 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 33 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 35 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 37 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 39 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 41 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 43 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 45 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 47 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 49 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 51 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 53 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 55 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 57 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 59 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 61 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 63 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 65 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 67 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 69 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 71 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, António Pereira, Eduardo de Freitas, Carlos Rosa e Fernandes Alves.

A's 73 horas, sessão solene, presidida pela sr. D. Maria Angélica Viana Pórtio, sendo oradoras as srs. D. Maria O'Neill e D. Margarida Marques, e os srs. dr. Carneiro de Moura, Antón